



ANAIS

Simpósio Internacional de Língua, Literatura e Interculturalidade (SIELLI) e Encontro de Letras

www.sielli.ueg.br

POSLLI
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
EM LÍNGUA, LITERATURA E INTERCULTURALIDADE

Universidade Estadual de Goiás
Câmpus Cora Coralina

09 A 13 DE NOVEMBRO DE 2020

LITERATURA ENQUANTO LUGAR DE MEMÓRIA E DESCOLONIZAÇÃO DO IMAGINÁRIO: ANÁLISE DO ROMANCE TERRA SONÂMBULA, DE MIA COUTO

LITERATURE AS A PLACE OF MEMORY AND DECOLONIZATION OF THE IMAGINARY: ANALYSIS OF THE NOVEL TERRA SONÂMBULA, BY MIA COUTO

Mikaela Soares Cardoso de Araújo¹
José Elias Pinheiro Neto²

Resumo:

Este trabalho tem por objetivo analisar algumas contribuições dos lugares de memória na literatura enquanto descolonização do imaginário e como a memória influencia na reconstrução identitária das personagens ficcionais. Trata-se de uma pesquisa de cunho bibliográfico em que contrapomos o referencial teórico, que destacamos: Nora (1993), Candau (2002), Halbwachs (2006), Hall (2006), Anderson (2008) e Mbembe (2014) com uma análise do romance Terra Sonâmbula, de Mia Couto. O texto narra uma trajetória marcada pela colonização e por uma guerra civil que se faz presente no cenário de Moçambique, que após dez anos de guerra, em 1975, conquista sua independência de Portugal, entretanto, a guerra manteve-se até o ano de 1992. Os vestígios de sofrimento são retratados nas produções literárias moçambicanas, as quais estão constantemente relacionadas a sua cultura, buscando valorizar o testemunho do sujeito subalternizado. A busca se resulta em demonstrar o quanto a literatura, enquanto lugar de memória, contribui e torna-se necessária para a descolonização do imaginário de uma nação.

Palavras-chave: Memória. Identidade. Lugares. Imaginário. Literatura.

Abstract:

This work aims to analyze some contributions of places of memory in literature as decolonization of the imaginary and how memory influences the identity reconstruction of fictional characters. It is a bibliographic research in which we contrast the theoretical framework, which we highlight: Nora (1993), Candau (2002), Halbwachs (2006), Hall (2006), Anderson (2008) and Mbembe (2014) with a analysis of the novel Terra Sonâmbula, by Mia Couto. The text relates a trajectory marked by colonization and a civil war that is present in the scenery of Mozambique, which after ten years of war, in 1975, conquers its independence from Portugal, however, the war continued until 1992. The traces of suffering are portrayed in Mozambican literary productions, which are constantly related to their culture, seeking to enhance the testimony of the subordinate subject. The search results in demonstrating how much

¹Mestranda do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Língua, Literatura e Interculturalidade (POSLLI) pela Universidade Estadual de Goiás, Câmpus Cora Coralina. (Goiás, Goiás, Brasil). E-mail: cardosomikaela@gmail.com.

²Doutor em Ciências Humanas pela Universidade de São Paulo (FFLCH/USP). Professor na Universidade Estadual de Goiás, Programa de Pós-graduação *Stricto Sensu* em Língua, Literatura e Interculturalidade (POSLLI/UEG). Integrante do Grupo de Estudo e Pesquisa em Literaturas de Língua Portuguesa (GEPELLP/UEG). E-mail: joseeliaspinheiro@gmail.com.



ANAIS

**Simposio Internacional de Língua, Literatura e
Interculturalidade (SIELLI)
e Encontro de Letras**

www.sielli.ueg.br

POSLLI
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
EM LÍNGUA, LITERATURA E INTERCULTURALIDADE

**Cláudio
Corá Corálima**
**Universidade
Estadual de Goiás**

09 A 13 DE NOVEMBRO DE 2020

literature, as a place of memory, contributes and becomes necessary for the decolonization of the imaginary of a nation.

Key words: Memory. Identity. Places. Imaginary. Literature.

Introdução

Uma trajetória marcada pela colonização e por uma guerra civil é o que se faz presente no cenário moçambicano. Após dez anos de guerra, em 1975, Moçambique conquistava sua independência de Portugal, entretanto, a guerra manteve-se até o ano de 1992. Os vestígios de todo esse sofrimento são retratados nas produções literárias moçambicanas, as quais estão constantemente relacionadas a sua cultura, buscando valorizar o testemunho do sujeito subalternizado.

A guerra e a luta pela consolidação de um país livre apresentam-se como cenário para a narrativa do romance *Terra Sonâmbula*, de Mia Couto. Esta narrativa é marcada por guerras e sofrimentos devido ao período de colonização e da guerra civil. A narrativa acompanha personagens que representam duas faces da sociedade, Kindzu que lutava em nome de seu país, Muidinga e Tuahir que simbolizam a população a margem da guerra, os quais estão em busca de um lugar livre de toda essa opressão e violência vivenciada por essa nação.

Antônio Emilio Leite Couto, pseudônimo Mia Couto, nasceu na Cidade da Beira em 5 de julho de 1955. Tem sua formação acadêmica em Biologia e trabalhou como jornalista. O escritor é comprometido com as lutas sociais de seu país, suas narrativas são compostas pela prosa e pela poesia, autor de mais de 20 livros, ganhou diversos prêmios com o romance *Terra Sonâmbula*, sendo considerado por muitos críticos literários um dos 12 melhores livros da África do século XX.

O romance *Terra Sonâmbula* foi publicado no ano de 1992, ganhou o Prêmio Nacional de Ficção da Associação de Escritores Moçambicanos em 1995. O autor explora os efeitos devastadores que a guerra civil ocasionou, demonstra que os resquícios do colonialismo não acabaram no momento em que conquistaram sua independência e retrata como ficou o sentimento dos moçambicanos em relação a toda essa opressão. Estes sentimentos estão espelhados nos personagens de Kindzu, Muidinga e Tuahir, que fazem uma viagem pelo passado e aos poucos vão rememorando suas ancestralidades por meios de escritos que funcionam como diários que contribuem para a reformulação de suas identidades.

Desenvolvimento

De acordo com Chaves (2004) os temas presentes nas literaturas africanas de língua portuguesa expressam sua cultura, de modo a fazer com que o leitor tenha contato com a memória, a experiência, identidade e o sentimento de nacionalidade de países como: Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, São Tomé e Moçambique. A bagagem histórica e cultural faz com que seus textos literários estejam constantemente ligados a história e a cultura nacional desses países.

O processo de colonização provocou profundas transformações na cultura dessas nações, faz-se necessário analisar obras que denotam essa temática histórica acerca do período



ANAIS

Simpósio Internacional de Língua, Literatura e Interculturalidade (SIELLI) e Encontro de Letras

www.sielli.ueg.br

POSLLI
PROGRAMA DE ORIENTAÇÃO
LÍNGUA, LITERATURA E INTERCULTURALIDADE

Cláudia Cora Coratim
Universidade Estadual de Goiás

09 A 13 DE NOVEMBRO DE 2020

pós-colonial e sucessivamente das guerras civis que assolaram estas nações. Após o período pós colonial, as literaturas africanas de língua portuguesa, especificamente a literatura moçambicana, passam a ir em busca de uma identidade nacional, se desvinculando da metrópole, fazendo com que o país seja visto como uma nação independente, voltando suas narrativas para sua própria história, seus costumes e tradições.

Devido ao processo colonial, ocorreu um fenômeno denominado transculturação, definido por Pratt (1999) como a fusão ou convergência das culturas. No contexto da colonização africana houve a mesclagem da cultura do colonizador e a do colonizado. Entretanto, a cultura do colonizador foi a que tomou mais espaço devido a todo um sistema de opressão, os povos africanos devem buscar consolidar sua identidade cultural com foco em sua ancestralidade para que ela ocupe mais espaço nessa formação de identidade. As narrativas locais dos povos africanos contribuíram para que esse objetivo fosse alcançado e a identidade dessa nação restaurada.

Conforme Nora (1993), o sujeito está inserido em um período em que a midiaticização tem contribuído para o desmoronamento da memória, fazendo com que as sociedades modernas percam sua conservação e transmissão de valores. Os locais de memória surgem dessa necessidade de preservar culturas, estes locais transmitem sinais de reconhecimento e de pertencimento de um determinado grupo e/ou, ainda, em uma sociedade moderna que se permite reconhecer indivíduos idênticos.

O sujeito se lembrará, a partir do ponto de vista de um grupo específico, em que ponto a memória estará ligada diretamente às identidades sociais. Os lugares de memória tornam-se um meio eficiente para que esses grupos possam usá-los como preservação cultural. O arquivamento de memórias tradicionais referentes às crenças, costumes e tradições são necessárias para que as identidades culturais não se percam ao longo dos anos.

A descolonização do imaginário procura restaurar as tradições, crenças, histórias e os saberes dos povos nativos. O objetivo principal está direcionado a libertação do indivíduo, trazendo-o de volta a sua particularidade que fora roubada pelas forças coloniais. Mbembe (2001) demonstra os efeitos inibidores que o colonialismo provocou no desenvolvimento de uma ciência e filosofia africana autônoma, a memória emerge como um fator decisivo para que a descolonização se torne efetiva.

Desta forma, a literatura será objeto de descolonização, onde os escritores africanos se tornarão essenciais para constituir ideias anticolonialistas na sociedade e de algum modo reconstituir a cultura que fora silenciada. A importância desses registros que remetem a ancestralidade tem como base dar voz aos sujeitos que foram subalternizados e meditar sobre essas ausências a qual foram submetidos para que assim possam resgatar simbolicamente aquilo que lhes foram tomados.

Resta a questão da memória. Na África do Sul contemporânea, ela se coloca nos termos de um passado doloroso, mas também cheio de esperança, que o conjunto dos protagonistas tenta assumir como uma base para criar um futuro novo e diferente. Isso pressupõe que o sofrimento que foi imposto aos mais fracos seja posto a nu; que seja dita a verdade sobre aquilo que foi suportado; que renunciemos à dissimulação, à repressão e à negação - primeira etapa no processo de reconhecimento mútuo da humanidade de todos e do direito de todos viverem em liberdade perante a lei. (MBEMBE, 2014, p. 55).



ANAIS

Simpósio Internacional de Língua, Literatura e Interculturalidade (SIELLI) e Encontro de Letras

www.sielli.ueg.br

POSLLI
PROGRAMA DE ORIENTAMENTO
LÍNGUA, LITERATURA E INTERCULTURALIDADE

Clareira Cora Corálina
Universidade Estadual de Goiás

09 A 13 DE NOVEMBRO DE 2020

No cerne desse campo temático *Terra Sonâmbula* (2015), de Mia Couto, se apresenta como uma oportunidade ímpar de verificarmos as narrativas sobre Moçambique, o romance é organizado pelo entrecruzamento de uma metanarrativa, onde a primeira narra a trajetória do menino Muidinga e do ancião Tuahir, e a segunda narrativa a partir do ponto de vista de Kindzu personagem que redige diários sobre suas vivências desde o período de independência do país. Muidinga e Tuahir escapam de um campo de refugiados durante a guerra civil, indo de encontro ao mar, onde estão inertes em um estado de sonambulismo, sonhando com o fim do conflito e o retorno da paz, o autor logo no início da narrativa aponta o motivo que os levaram a essa situação:

Um velho e um miúdo vão seguindo pela estrada. Andam bambolentos como se caminhar fosse seu único serviço desde que nasceram. Vão para lá de nenhuma parte, dando o vindo por não ido, à espera do adiante. Fogem da guerra, dessa guerra que contaminara toda a sua terra. Vão na ilusão de, mais além, haver um refúgio tranquilo. (COUTO, 2015, p. 9).

O romance relata um período em que a guerra se aproximava de seu fim, os habitantes estavam largados às margens da sociedade e tornaram-se fugitivos por medo de serem mortos em conflito. Muitos optaram por fugir de sua própria terra, nutriam o desejo esperançoso de que após o período colonial tudo seria restaurado de novo. A metáfora que o personagem secundário, Kindzu, usa para definir o que a guerra representa para ele e sua família descreve a desesperança de que um dia tudo volte a ser como antes:

No princípio, só escutávamos as vagas novidades, acontecidas no longe. Depois, os tiroteios foram chegando mais perto e o sangue foi enchendo nossos medos. A guerra é uma cobra que usa os nossos próprios dentes para nos morder. Seu veneno circulava agora em todos os rios da nossa alma. De dia já não saíamos, de noite não sonhávamos. O sonho é o olho da vida. Nós estávamos cegos. (COUTO, 2015, p. 16).

O menino Muidinga está em busca de seus pais verdadeiros, pois Tuahir o salvou da morte quando sua aldeia o tinha dado como morto, porque havia se alimentado de um tipo de mandioca venenosa. Devido a esse processo de iniciação, o velho teve que ensinar o menino os princípios básicos de um ser humano. A memória, a identidade e habilidades foram esquecidas pelo garoto devido ao envenenamento que sofrera. Desta forma, observa-se que Muidinga estava vivenciando duas viagens, a primeira estava relacionada a sua fuga da guerra e a segunda que era ir em busca de suas origens.

Durante sua caminhada se deparam com os escritos de Kidzu que contém relatos desde o início da guerra. Esses escritos demonstram um relato minucioso sobre a trajetória de Kindzu, uma viagem já concluída e que aos poucos vão sendo descobertas por Muidinga e Tuahir. Os dois vivenciam as aventuras de Kindzu a cada página lida e seus relatos estão repletos da cultura, crenças, ritos, costumes daquela região, desta forma Muidinga vai aos poucos re/aprendendo mais sobre sua origem ancestral, os escritos de Kindzu se tornaram, nesse momento, lugares de memória e ferramenta de descolonização do imaginário.



ANAIS

Simpósio Internacional de Língua, Literatura e Interculturalidade (SIELLI) e Encontro de Letras

www.sielli.ueg.br

POSLLI
PROGRAMA DE ORIENTAÇÃO
LÍNGUA, LITERATURA E INTERCULTURALIDADE

Cláudia Cora Corralina
Universidade Estadual de Goiás

09 A 13 DE NOVEMBRO DE 2020

Esses cadernos tornam-se locais de memória uma vez que são compostos de experiências culturais vivenciadas por Kindzu, colocando em evidência a importância dos anciões na preservação cultural dessas nações, já que eles representam a ancestralidade e tradição diante da sociedade. Segundo Nora (1993) “Os lugares de memória nascem e vivem do sentimento de que não há memória espontânea[...]” (1993, p. 13), nossa sociedade é fragmentada e por isso os lugares de memória surgem a partir do momento em que o indivíduo contemporâneo necessita de algo que o identifique e o represente diante do contexto social.

Em *Terra Sonâmbula* (2015) existe uma narrativa que se escreve a partir daquilo que foi. Ela movimenta a memória por intermédio das tradições, muitas vezes, desfrutando a figura dos mais velhos como transmissores da cultura africana “Os mais velhos faziam a ponte entre esses dois mundos” (COUTO, 2015, p. 15). Os mais novos são ensinados a levar em consideração tudo o que os mais velhos lhe comunicam. Com isso, a escrita literária torna-se importante porque, por meio dela, está sendo preservada a existência daquelas pessoas, pois estas memórias serão eternizadas e lembradas por muitas gerações.

As narrativas de Kindzu denotam o quanto a sabedoria dos mais velhos era considerada importante em sua cultura, a transmissão de valores, crenças e costumes eram feitas sempre pelos anciões das aldeias. Os anciões são a fonte de transmissão de valores, quando Muidinga e Tuahir no decorrer de seus trajetos deparam-se com a morte do velho Siqueleto, exemplifica a necessidade da existência dos locais de memória:

Contudo, no falecimento de Siqueleto havia um espinho excrescente. Com ele todas as aldeias morriam. Os antepassados ficavam órfãos da terra, os vivos deixavam de ter lugar para eternizar as tradições. Não era apenas um homem, mas todo um mundo que desaparecia. (COUTO, 1992, p. 82)

A análise dos elementos da narrativa em *Terra Sonâmbula* (2015) se encaminha para a relação entre memória e identidade, já que, de acordo com Candau (2002), elas são indissolúvelmente ligadas. No decorrer desta narrativa os personagens reconstruem sua identidade por intermédio da memória. A associação entre memória e identidade mostra que a identidade se manifesta como um discurso declarado que projeta um significado. E a memória é o fator principal que contribui para que o indivíduo construa individual ou coletivamente o sentimento de representatividade.

O primeiro parágrafo dos escritos de Kindzu justifica o que Nora (1993) afirma sobre locais de memória, a cultura ancestral tem que ser arquivada para que não seja esquecida na modernidade, mas sim eternizada:

Quero pôr os tempos, em sua mansa ordem, conforme esperas e sofrências. Mas as lembranças desobedecem, entre a vontade de serem nada e o gosto de me roubarem do presente. Acendo a estória, me apago em mim. No fim destes escritos, serei de novo uma sobra sem voz. (COUTO, 2015, p. 14).

Observa-se que a população moçambicana, representada por Muidinga, Tuahir e Kidzu, foi oprimida culturalmente durante todo período colonial e logo em seguida enfrentaram uma guerra civil, desta forma um arquivo que contém narrativas repletas de memórias sobre a ancestralidade tornar-se-á um recurso para a descolonização do imaginário. A descolonização



ANAIS

**Simposio Internacional de Língua, Literatura e
Interculturalidade (SIELLI)
e Encontro de Letras**

www.sielli.ueg.br

POSLLI
PROGRAMA DE ORIENTAÇÃO
LÍNGUA, LITERATURA E INTERCULTURALIDADE

Cláudio
Corá Corá
**Universidade
Estadual de Goiás**

09 A 13 DE NOVEMBRO DE 2020

só será possível a partir do momento em que os relatos sejam feitos por um ponto de vista interno, ou seja, o personagem de Kindzu é nativo de Moçambique, por esse motivo sua história transforma-se em uma descolonização do imaginário para aqueles que a estão lendo.

O pensamento decolonial de acordo com Mbembe (2014) busca reestruturar nações africanas com o intuito de originar consciência política e autonomia sociocultural. Desta forma, torna-se leitura essencial para análise das obras das nações que se tornaram independentes da colonização europeia. O escopo dessa teoria abre espaço para que os povos nativos falem abertamente sobre todo o processo que vivenciaram. Os relatos dessas experiências podem ser explicados por aqueles que estiveram presentes, portanto, as literaturas africanas de língua portuguesa transformam-se em objetos de estudo para o pensamento decolonial.

Muidinga e Tuahir estão caminhando em direção ao mar com o desejo de abandonar sua terra, pois não se sentem pertencentes a ela mais. Esse estado de sonambulismo ao qual foram submetidos, os deixam com a identidade fragmentada. Em concordância com Hall (2006) as velhas identidades eram tidas como unificadas, durante o período iluminista as mesmas sofreram com rupturas, fazendo com que surgissem novas identidades e o indivíduo moderno tornou-se fragmentado, sempre buscando algo que o complete. A crise de identidade resulta na necessidade de buscar identidades culturais que surgem a partir do sentimento de pertencimento cultural. Assim sendo, a identidade será formulada de acordo com o contexto histórico e de que forma o indivíduo se sinta representado e completo culturalmente.

A transculturação, conceito definido por Pratt (199), pode ser considerada para compreendermos que houve uma fusão da cultura do colonizado com a do colonizador, sendo que a última foi mais imposta aos africanos. A identidade dos povos africanos está fragmentada, porém elas necessitam ser constituídas por sua cultura ancestral, não a cultura do colonizador. No contexto de *Terra Sonâmbula* (2015), os relatos de Kindzu registram a ancestralidade moçambicana, Muindiga e Tuahir entram em contato com narrativas do passado que contribuem para a construção de uma nova identidade.

O foco da perda identitária está em Muidinga, pois ele desconhece sua origem e deseja encontrar seus pais. Por conseguinte, existe uma ambiguidade na significância dos escritos de Kindzu para a narrativa, a princípio Muidinga depara-se com uma narrativa que o coloca em contato com sua ancestralidade moçambicana e o desfecho ocorre quando esses cadernos revelam a verdadeira origem de Muidinga, esse é momento em que as narrativas se entrecruzam. A personagem de Farida (mãe desconhecida de Muidinga) surge nos relatos de Kindzu e conta a sua história, onde expressa seu desejo de encontrar seu filho perdido Gaspar. Os relatos de Kindzu servem para realizar dois tipos de resgate identitário no decorrer da narrativa, o resgate da ancestralidade moçambicana e a formação identitária de Muidinga, uma vez que, por intermédio dos escritos de Kindzu ele descobre quem são seus pais. A memória torna-se fator primordial para o desenvolvimento desses locais de memória, o que nos remete a ideia de memória individual e coletiva.

Em conformidade com Halbwachs (2006), a memória coletiva é composta em decorrência de acontecimentos que marcam o grupo e em *Terra Sonâmbula* (2015), há uma nação que passou por um longo período de opressão colonial e uma guerra inacabável, que contribuiu para uma desmemoriação de sua ancestralidade. Desta forma, as “memórias fortes” como define Candau (2002, p.44), buscam reforçar sentimentos de historicidade, princípio e pertencimento, os personagens estão fugindo da guerra que assola sua nação, a opressão e o



ANAIS

Simpósio Internacional de Língua, Literatura e Interculturalidade (SIELLI) e Encontro de Letras

www.sielli.ueg.br

POSLLI
PROGRAMA DE ORIENTAÇÃO
LÍNGUA, LITERATURA E INTERCULTURALIDADE

Cláudia Cora Coradina
Universidade Estadual de Goiás

09 A 13 DE NOVEMBRO DE 2020

medo contribuem para que os mesmos esqueçam suas origens. Desta forma, ao entrar em contato com as memórias escritas de outra pessoa, estes sujeitos reforçam seu sentimento de identidade nacional.

O sujeito para ser parte de uma comunidade imaginada, como determinou Benedict Anderson (2008), deve ter consciência de sua identidade nacional e o mesmo a estabelecerá por meio das memórias que serão construídas e compartilhadas dentre o indivíduo e o grupo do qual se sente representado. Assim, os personagens do romance analisado, primeiramente necessitam das memórias para instituir sua identidade e depois se sentir parte de uma comunidade imaginada que é definida como nação, para que reconheçam sua nacionalidade. Anderson (2008), alega que a “identidade nacional é uma comunidade imaginada”. O conceito de comunidades imaginadas será analisado por meio de práticas culturais que incentivam o sujeito a definir quais são suas obrigações como indivíduo, a procurar o que o representa e definir sua identidade.

Considerações finais

Torna-se pertinente analisar o texto literário como lugar de memória, e de que maneira as ocorrências memoriais influenciam na construção do pensamento cotidiano do indivíduo. Deve-se levar em consideração que o contexto social e histórico tem um papel fundamental na produção literária. Ao analisar obras de determinados períodos, expõem-se novas versões ou experiências de fatos ocorridos em épocas singulares. Assim, os textos de escritores africanos de língua portuguesa remetem à memória e as lembranças que estabelecem a harmonia entre a ficção e a realidade. Moçambique estava marcada por sucessivos acontecimentos catastróficos dentro e fora da literatura, que marcaram aquela população. O desejo de ir ao encontro do passado, bem antes da colonização, em busca da ancestralidade gerava um compartilhamento de lembranças coletivo, as quais estavam guardadas na memória dos anciãos.

O romance *Terra Sonâmbula* (2015) configura-se como uma narrativa de libertação, uma vez que Mia Couto constrói sua narrativa a partir de um ponto de vista interno. Os nativos descrevem sua própria história e como se sentem em relação a esse período de opressão que a guerra ocasionou. A trajetória que os personagens percorrem apresenta a metáfora da viagem ao mesmo tempo em que Muidinga vai de encontro com a sua verdadeira origem, os escritos de Kindzu servem como ponte para a reconstrução da identidade moçambicana.

Uma narrativa marcada pela ancestralidade que demonstra o quanto os lugares de memória são importantes para a preservação da cultura no contexto tecnológico em que estamos inseridos. As narrativas de escritores africanos de língua portuguesa conquistam papel importante na luta pelo reconhecimento como produtores de cultura africana, pois suas narrativas funcionam como metodologias para a descolonização do imaginário, fazendo com que paradigmas sobre sua cultura sejam quebrados e consolidando uma nova narrativa livre da opressão que esse continente vivenciou.

Referências



09 A 13 DE NOVEMBRO DE 2020

ANDERSEN, Benedict. **Comunidades imaginadas**: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

CANDAU, Joel. **Antropologia de la memória**. Buenos Aires: Nueva Vision, 2002.

CHAVES, Rita. **O passado presente na literatura africana**. In Via atlântica, São Paulo, n. 7, 2004.

COUTO, Mia. **Terra sonâmbula**. 5ª reimpressão. 1ª ed. São Paulo: Companhia de bolso, 2015.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Tradução de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.

HALL, Stuart. **Identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 11ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

NORA, Pierre. **“Entre memória e história: a problemática dos lugares”**. Projeto História. Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC-SP, n. 10. São Paulo, dez.-1993.

PRATT, Mary Louise. **Os olhos do império**: relatos de viagem e transculturação. Bauru, EDUSC, 1999.

MBEMBE, Achille. **Sair da grande noite**: ensaio sobre a África descolonizada. Lisboa: Edições Pedagogo, 2014.

_____. **As formas africanas de auto-inscrição**. In.: Revista Estudos Afro-Asiáticos. Ano 23, nº 1, 2001.